

LUTAS PELO CORPO DESPORTIVO: EDUCAÇÃO FÍSICA E FUTEBOL EM PORTUGAL DURANTE O ESTADO NOVO

Nuno Domingos¹

Um campo de práticas e consumos desportivos em Portugal

Desde finais do século XIX que se institucionalizou em Portugal um campo de práticas e consumos desportivos. Inicialmente pouco estruturado, este espaço de trocas e de relações, assente não só na fundação de associações e clubes desportivos, mas também na intervenção do Estado e das suas instituições, veio a ganhar progressivamente maior solidez. Esta dupla vertente, a primeira de cariz associativo, a segunda de natureza estatal, caracterizou o desenvolvimento do desporto em Portugal, tal como noutros contextos nacionais. As associações procuravam disseminar práticas desportivas modernas, invocando inúmeras razões para justificar a sua atividade. O lazer dos sócios e praticantes constituía-se como uma função transversal destes espaços, embora os tipos de desporto e os rituais sociais que envolviam a prática traduzissem as fraturas sociais entre os diversos tipos de praticantes. Se uma aristocracia e uma burguesia urbanas em ascensão mantiveram desportos como o ténis, a vela, ou o automobilismo como símbolos do seu estilo de vida, outros desportos saíram dos seus nichos de elite e difundiram-se, caso evidente do futebol². Outras associações desportivas apresentavam um carácter mais programático, reclamando-se de modelos de aperfeiçoamento e educação do corpo, centrados na prática da ginástica. É na sequência deste interesse pela educação do corpo das populações que o Estado inicia um conjunto de tentativas para institucionalizar o ensino de exercícios físicos. A organização militar já há muito que incluía nas suas atividades a instrução de deter-

¹ Professor do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Endereço: Av. Professor Aníbal de Bettencourt, 9 -1600-189 – LISBOA-Portugal
Email: nuno.domingos@ics.ul.pt

² Sobre o período inicial de institucionalização de formas de desporto moderno em Portugal ver HASSE, Manuela. *O Divertimento do Corpo, Corpo, Lazer e Desporto na Transição do Século XIX para o século XX*, em Portugal. Lisboa: Editora Temática. 1999 COSTA, Vítor. O desporto e a sociedade em Portugal entre finais do século XIX e inícios do século XX. In NEVES, José e DOMINGOS, Nuno (orgs.) *Uma História do Desporto em Portugal*, vol 1. Lisboa: Quidnovi, 2011. 73-120. TRINDADE, Luís. A imagem do Sportsman e o espetáculo desportivo. In NEVES, José e DOMINGOS, Nuno (orgs.) *Uma História do Desporto em Portugal*, vol 1. Lisboa: Quidnovi, 2011. 121-146.

minadas modalidades, como o tiro, a esgrima ou a equitação, além de exercícios de ginástica. Apresentando uma rede modelada, espaços planeados e um escol de técnicos, o meio militar rapidamente se constituiu como um dos centros da evolução e disseminação de um pensamento sobre a educação do corpo. A expressão educação física veio a tornar-se a denominação desta nova prática institucionalizada.

O processo português seguiu com algum atraso tendências verificadas noutros países³. Na Europa tais lógicas foram reforçadas pelo período nacionalista e militarista que antecipou a Primeira Guerra Mundial e que se prolongou depois de forma visível até a Segunda Grande Guerra⁴. A ideia de que não deveria caber apenas à instituição militar o esforço de tornar o cidadão nacional apto para o combate e para a defesa foi um dos motivos que levou o debate da educação do corpo para o interior de outras instituições do Estado, nomeadamente no âmbito das discussões sobre pedagogia que envolvia o sistema escolar, onde a educação física passou a fazer parte dos currículos. Outros dos motivos relacionavam-se mais diretamente com um conjunto de opiniões médicas, que consideravam ser o exercício físico um elemento fundamental na saúde do cidadão. É da conjugação deste feixe de interesses que a ciência da educação física passa a fazer parte do quotidiano de um conjunto de instituições.

Em Portugal coube a um grupo de militares tomar a dianteira deste processo. Estudando em escolas europeias pioneiras no ensino da ciência da educação física, tais como o Instituto Central de Estocolmo, grande promotor do método de Ling (também conhecido por ginástica sueca), de Joinville Le-Point, do Instituto Superior de Educação Física da Universidade de Gand⁵, estes jovens militares serão aqueles a quem caberá, já sob o regime do Estado Novo, instituído em 1933 na sequência do regime de ditadura militar saído do golpe de 28 maio de 1926, a estruturação de um modelo integrado do ensino e da investigação em educação física. O pensamento de homens como Celestino Marques Pereira e António Leal de Oliveira, talvez os dois nomes fundamentais por detrás deste modelo, juntava um domínio técnico sobre os dis-

³ Sobre a Educação Física no Estado Novo ver CRESPO, Jorge. História da Educação Física em Portugal. Os antecedentes da criação do INEF. *Ludens*, vol.2, n.º1, 45-52. 1977; GOMES, Rui. Poder e saber sobre o corpo — a educação física no Estado Novo (1936-1945). *Boletim da Sociedade Portuguesa de Educação Física*, 2-3. 109-136. 1991; CARVALHO, Luís Miguel. Explorando as transferências educacionais nas primeiras décadas do século XX. *Análise Social*, vol, xl (176). 499-518. 2005. DOMINGOS, Nuno. Building a motor habitus: Physical education in the Portuguese Estado Novo. *International Review for the Sociology of Sport*, vol. 45, n.º 1, pp. 23-37. 2008.

⁴ WEBER, Eugen. Gymnastics and Sports in Fin-de-Siècle France: Opium of the Classes?. *The American Historical Review*, Vol. 76, No. 1. 70-98. (Feb., 1971); PFISTER, Gertrud. 'Cultural Confrontations': German Turnen, Swedish Gymnastics and English Sport, European Diversity in Physical Activities from a Historical Perspective. *Culture, Sport and Society*, vol. 6, n.º 1. 61-9. (spring 2003).

⁵ Note-se neste contexto a importância dos modelos desportivos influenciados pelo catolicismo TOLLENEER, Jan. The Belgian catholic gymnastic movement in its international context 1908-1940». In ARNAUD, Pierre e RIOR-DIAN, Jim (ors.)g. *Sport and International Politics. The impact of fascism and communism on sport*. London: E & FN Spon, 171-183. 1998.

positivos do corpo, desde a fisiologia à anatomia, mas também à psicologia e à pedagogia, com uma matriz ideológica⁶. O modelo de educação física português partiu de um ajustamento entre um domínio técnico específico sobre a educação corporal e os objetivos ideológicos muito marcados nestas primeiras décadas do Estado Novo. Estes militares vão ocupar lugares de liderança nas instituições às quais cabia o ensino da educação física, nomeadamente a Mocidade Portuguesa, instituição pré-militar obrigatória para jovens criada em 1936 - imaginada à semelhança das suas congéneres italiana e alemã, respetivamente as Balilas e a Juventude Hitleriana - mas também no Instituto Nacional de Educação Física, de 1940, órgão de formação de quadros e de desenvolvimento teórico da disciplina. Eles foram ainda elementos ativos na preparação dos currículos escolares e também nas atividades desportivas da Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho (FNAT), organização de ocupação dos tempos livres dos trabalhadores portugueses, criada em 1935.

Um corpo socializado

Ao se observar os princípios reguladores das instituições do Estado Novo preocupadas em ensinar a educação física verifica-se a centralidade do corpo neste projeto de educação geral, definido inicialmente pela Reforma Educativa de 1936. Remetido a um quadro educacional muito específico, que articulava várias especialidades científicas, o corpo devia ser trabalhado por estas instituições de modo a tornar-se num corpo socializado. Uma das ideias fundamentais por detrás deste modelo de educação física, defendida em vários artigos de Leal de Oliveira no *Boletim do Instituto Nacional de Educação Física*, publicação onde se inscrevia o pensamento teórico e doutrinal sobre as práticas físicas promovidas pelo Estado, argumentava que a modernidade urbana alterara a educação natural dos corpos. O princípio de que a normalidade corporal se relacionava com uma sociedade tradicional, imóvel, sem conflitos e divisões, feita de gestos naturais, criava uma pastoral campestre que era mais um produto da imaginação política do que qualquer representação próxima da realidade das relações sociais no mundo rural. Ora, de acor-

⁶ Celestino Marques Pereira foi um dos mais importantes teóricos da educação física em Portugal, doutor pelo Instituto da Universidade Livre de Bruxelas foi professor na MP e no INEF. Aluno da Escola de Educação Física do Exército recebeu, em 1934, uma bolsa de estudo do Instituto para a Alta Cultura que lhe permite frequentar o Instituto Central e Real de Ginástica de Estocolmo. Da passagem de Celestino Marques Pereira pela Suécia, e depois também pela Dinamarca, resultou um relatório que viria a ser publicado em 1939 pelo Instituto de Alta Cultura e que esteve na base da organização do INEF (Pereira 1939). António Leal de Oliveira doutorou-se na Universidade de Gand. Foi diretor do INEF e presidente da *Fédération Internationale de Education Physique* (1958-1970). Leal de Oliveira, durante muitos anos diretor do INEF, foi responsável pela elaboração de diversos programas de educação física dirigidos aos currículos escolares.

do com a linha de pensamento do autor, o mundo urbano e industrial viera alterar este cenário idílico. A vida nos bairros das grandes cidades, a inclusão dos indivíduos em novas relações de trabalho onde laboravam em espaços fechados - os trabalhadores administrativos sedentariamente sentados, e os operários em ambientes artificiais onde o seu corpo se tinha de adaptar ao movimento das máquinas - tornara falsos os movimentos do corpo. Esta perda de naturalidade devia ser compensada. Cabia ao pensamento científico promovido pelo Estado estabelecer as condições para o indivíduo regressar a uma condição de equilíbrio. Neste sentido, a educação física, disciplina científica e racional, contribuiria para fazer regressar a “naturalidade do corpo”, regulando a adaptação do indivíduo ao seu novo meio social⁷. A Reforma Educativa de 1936, liderada pelo ministro Carneiro Pacheco, propunha um projecto socializador no qual estas teorias sobre a educação do corpo se integravam⁸. O sistema de ensino devia promover valores coletivos que reforçassem a coesão social, celebrando o valor da nação, da família, da religião católica, o respeito pela ordem e pelo poder político, no quadro do corporativismo português. Erguia-se assim contra os desequilíbrios causados por outros tipos de visões fraturantes, tanto pelas oposições socialistas, comunistas ou anarquistas, como pelas divisões sociais causadas por modelos de economia liberais, instigadores da desigualdade e da conflitualidade social.

A inscrição institucional desta intenção ideológica presente no pensamento oficial sobre o corpo assentava num pensamento suportado pela técnica e pela ciência. Ao descrever as atribuições do recém criado INEF, o Padre Manuel Rocha, Diretor dos Serviços de Ação Moral da Mocidade Portuguesa, salientou que lhe cabia o ensino da anatomia, que “fornece o conhecimento da estrutura do corpo humano”, da fisiologia, que “revela o funcionamento dos diferentes órgãos”, da biometria, da biotipologia e da higiene mas sobretudo da função moral destas disciplinas. Pertencia à psicologia aplicada e à pedagogia, mas também à Psicologia Geral, ciência que estudava os mecanismos de motivação, a responsabilidade do estudo filosófico da própria vida ao serviço “do pensamento cristão nacional” e da “formação corporativa”.⁹

Este modelo de educação não considerava o indivíduo do ponto de vista universal. A idade e o género introduziam diferenciações no sistema oficial. Na proposta de organização da educação física nacional apresentada ao Congresso da União Nacional em 1934, Leal de

⁷ LEAL DE OLIVEIRA, António. Bases para a Organização da Educação Física Escolar. In *I Congresso da União Nacional, Discursos, Teses e Comunicações*, vol. VII. Lisboa: União Nacional. 1935. 299.

⁸ Sobre a história da educação em Portugal neste período ver NÓVOA, António. A Educação Nacional. In SERRÃO, Joel e OLIVEIRA MARQUES, A. H. De (orgs.). *Nova História de Portugal*, Portugal e o Estado Novo, vol. XII (1930-1960)», ROSAS, Fernando (org.). Lisboa; Presença, 1992, 455-519; RAMOS DO Ó, Jorge.. *O governo de si mesmo : modernidade pedagógica e encenações disciplinares do aluno liceal : último quartel do século XIX - meados do século XX*. Lisboa: Educa. 2003.

⁹ ROCHA, Manuel da. *A Educação Física na moral cristã*. Boletim do Inef, 2, 125-142. 1941.

Oliveira defendeu que a prática corporal organizada preparava “o homem para todas as necessidades sociais em que avulta a defesa nacional”, proporcionando-lhe “ocasiões de afirmação duma personalidade viril em exteriorizações de energia disciplinada, competição leal, de sublimação dos instintos de luta”¹⁰. Por seu turno a disciplina encaminhava as mulheres “para a vida familiar e fecunda” (*ibidem*). A mulher, como constava na proposta de lei de criação do INEF, devia ser

defendida dos grandes esforços musculares do atletismo, masculinizadores, aberração feminista repelida pela delicadeza do sexo e pela natural função de futura mãe e educadora, mas que, por esta mesma sagrada missão, deve cuidar da sua valorização física, como condição de saúde e de sã alegria, por exercícios ginásticos de técnica adequada, que nenhum disfarce ou produto de beleza pode suprir para a graça feminina.¹¹

Noutro artigo, procurei explicar como esta educação do corpo promovida pelo Estado procurava criar um sistema de hábitos e disposições incorporados, adquiridos pelo treino, que tornaria o movimento do corpo politicamente significativo. Estes corpos educados manifestar-se-iam no contexto das próprias práticas desportivas, mas os seus movimentos eram suscetíveis de constituir exemplo para todo o universo social e político nacional, já que possuíam um efeito corretivo¹². O modelo oficial de educação física procurava assim moldar um *habitus motor*, um sistema de disposições incorporado que não apenas guiava o movimento humano durante o desempenho desportivo, mas que influenciava a sua adaptação ao meio social e político. Base do comportamento do corpo em toda a vida social dos indivíduos submetidos a este adestramento, esta educação pelo movimento ambicionava transformar a instrução do gesto em rotina automatizada¹³. A criação de uma disposição corporal baseava-se na incorporação de “reflexos condicionados ou adquiridos”; os movimentos ideo-motores, aqueles pré-determinados pelos modelos, e os voluntários tornar-se-iam automáticos, como as “técnicas motoras instintivas”¹⁴. O indivíduo devia estar consciente da moral que presidia aos seus movimentos e compreender como o seu corpo em movimento representava uma ideia de sociedade, controlada pela técnica e pelo conhecimento e que ritualmente era apresentada a um público.

¹⁰ LEAL DE OLIVEIRA, António. Bases para a Organização da Educação Física Escolar. In *I Congresso da União Nacional, Discursos, Teses e Comunicações*, vol. VII. Lisboa: União Nacional. 1935. 312.

¹¹ Diários da Assembleia Nacional, Sessão n.º 39 da Assembleia Nacional, 1939/25/2.

¹² DOMINGOS, Nuno. Building a motor habitus: Physical education in the Portuguese Estado Novo, *International Review for the Sociology of Sport*, vol. 45, n.º 1, pp. 23-37. 2008. DOMINGOS, Nuno. *Futebol e Colonialismo. Corpo e Cultura Popular em Moçambique*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais. 2012.

¹³ LEAL DE OLIVEIRA, António. «Generalidades sobre as atitudes e movimento do corpo humano em educação física». *Boletim do INEF*, n.º3: 273- 289. 286. 1941.

¹⁴ *ibidem*, 287.

Síntese perfeita entre a técnica científica e um ideário político, o modelo de educação física promovido pelo regime tomava o corpo como a metáfora do país desejado. É à luz dessa conceção que é possível interpretar a avaliação dos corpos sujeitos a desportos organizados fora da esfera estatal realizada por estes teóricos.

Colonizar os corpos desportivos

Ao definir o seu modelo de educação física, os especialistas do Estado Novo procuraram separar as práticas corporais corretas daquelas que consideraram inapropriadas. Entre as atividades físicas menos recomendáveis encontrava-se o futebol. O jogo seria o menos indicado no conjunto dos chamados “jogos desportivos.” Em 1932, o decreto que criou, no então Ministério da Instrução, a Direção dos Serviços de Educação Física (n.º 21.034 de 18/3/32) já considerava os jogos desportivos a “antítese de toda a educação” e um meio de “deformação física” e “perversão moral”. O Regulamento de Educação Física dos Liceus, aprovado em 1932 pelo decreto n.º 21:110 de 16 de abril, proibia os “desportos anglo-saxónicos e os jogos atléticos, bem como os desafios e matchs em geral, especialmente os de foot-ball, visto ser nulo ainda o seu papel educativo, e cujos malefícios são óbvios.” Os princípios que fundamentavam estas opiniões baseavam-se muitas vezes numa bibliografia francesa. A obra *O Futebol tornado perigo social*, escrito em 1928 pelo tenente e professor de educação física Artur Rebelo de Almeida, citava em autores como Georges Hebert (*Le Sport contre l'Éducation Physique*) e Phillipe Tissiè (*L'Éducation Physique de la Race*) bem como em *A Educação intelectual, moral e física* de Herbert Spencer, citado da tradução francesa¹⁵. As teses defendidas nestas obras encontravam-se próximas das formuladas nos modelos de ginástica continentais e mais afastadas do preconizado pela pedagogia desportiva em Inglaterra¹⁶. Aqui, a dinâmica educativa do corpo desportivo sustentava-se significativamente na prática de modalidades coletivas em ambientes controlados, quase sempre em escolas de elite, onde a defesa do amadorismo ajudava a manter um *status quo* social.

De acordo com o argumentário do Estado Novo, o futebol, como outros desportos organizados fora do âmbito estatal, deseducavam os corpos. Este efeito negativo relacionava-se

¹⁵ ALMEIDA, A. Rebelo. *O Futebol tornado perigo social*. Lisboa: Tipografia de o Sport. 1928.

¹⁶ Sobre pedagogia em Inglaterra ver HARGREAVES, John. *Sport, Power and Culture*. Cambridge: Polity Press. 1986. MANGAN, J. A. (org.) *The Cultural Bond: Sport, Empire, Society*. London: Frank Cass, 1992. GUTTMANN, Allen.. *Games and empires: modern sports and cultural imperialism*. New York: Columbia University Press. 1994.

com o que consideravam ser a essência do jogo, não científica, sem uma teoria que a suportasse. Enquanto espaço de relações, o jogo era ainda poroso ao ambiente que envolvia a sua prática, representando singularmente a expansão do mal urbano, dessa modernidade transviada que caberia aos Estados corrigir. Muitos dos raciocínios críticos dirigidos ao futebol reagiam também à sua notoriedade social. O futebol mobilizava muitas pessoas amontadas em estádios que se comportavam, e de acordo com a opinião dos representantes do Estado, de modo pouco edificante. O grande espetáculo do estádio revela-se ideologicamente útil quando controlado e encenado pelo regime, como sucedeu quando da inauguração do Estádio Nacional em 1944 e em outras cerimónias oficiais onde reinavam os movimentos simétricos de grandes grupos ginásticos, verdadeiras metáforas da ordem política. Nas competições de futebol organizadas pela estrutura associativa, pelas federações, associações e clubes, a paixão criava um conflito permanente que em muitas ocasiões redundava em agressões físicas e verbais, por vezes estimuladas pelo próprio público. Esta era uma das razões pelas quais o modelo de educação física do regime desconfiava dos espetáculos organizados pelo movimento associativo desportivo. O futebol tinha ainda o poder de criar ídolos populares, celebrados pelo acompanhamento da imprensa. Estes jogadores, muitos deles provenientes de classes sociais desfavorecidas, não se afirmavam como os exemplos de comportamento social que o regime gostava de exaltar. Os jogos como o futebol converteram-se em um meio de expressão de uma condição social e a sua disciplinarização, não apenas no que respeitava o comportamento dos espectadores mas também o do público, um exemplo de socialização estatal das classes populares.

Foi para controlar a esfera do desporto organizado fora das instituições do Estado que foi criada em 1942 a Direção Geral de Educação Física, Desportos e Saúde Escolar. Os desportos na altura mais populares, o futebol, o ciclismo e o boxe, os que regularmente se transformavam em grandes espetáculos, foram os mais visados pelo controlo da Direcção-Geral. Um esquema burocrático regulava inscrições, transferências, impunha mecanismos disciplinares diversos e inspeções médicas¹⁷. O comportamento dos jogadores e também do público eram então vigiados. O Estado procurava não apenas modelar o corpo dos atletas mas também impor uma normalização do corpo dos espetadores nos recintos desportivos. As direcções dos clubes sujeitavam-se a um exame apertado, não fosse o meio associativo um espaço de possível guerrilha política, num momento em que as oposições e os sindicatos livres se encontravam proibidos e a imprensa já estava sob controlo do regime.

¹⁷ Sobre a acção fiscalizadora da Direção Geral no caso do boxe ver. DOMINGOS, Nuno “Homens ao minuto: o boxe em Lisboa nos quarenta e cinquenta”. In Domingos, N., Neves, J. (orgs.) *Uma História do Desporto em Portugal*, vol. 3 *Classe, Associativismo e Estado*. Porto: Quidnovi, pp. 167-216.

A ação desta Direção-Geral não se resumiu à tentativa de disciplinar todo o contexto que envolvia as práticas físicas fomentadas pelas associações. As suas responsabilidades incluíam também o esforço de transformar as práticas corporais típicas de desportos que possuíam uma lógica considerada espontânea e não determinada por um pensamento orientador. Para que isto sucedesse os pouco científicos desportos deviam submeter-se aos princípios de educação do corpo presentes no modelo ginástico preconizado pelo regime.

Nos seus diversos estudos, Celestino Marques Pereira notou a necessidade de adaptar os desportos à estrutura da ginástica¹⁸. Para isso era preciso corrigir os erros de modalidades cujos movimentos se subordinavam a um “fim utilitário” e as trajetórias com “forma indefinida”, não simétricas¹⁹. A lógica competitiva dos desportos, denunciava o autor, tornava o seu fim “utilitário”. Isto dificultava a sua pré-determinação. Para alcançar os objetivos corretivos o teórico da educação física defendia a proibição da competição aos menores de 19 anos. Até essa idade ficariam sob a alçada da preparação técnico-desportiva preparatória, fundamentada nos objetivos da ginástica em alcançar “a harmonia do desenvolvimento corpóreo”²⁰. Aqueles que já haviam sido deformados pela prática dos desportivos deviam submeter-se nos seus clubes à ressocialização do seu corpo, baseada em aulas de ginástica.²¹

Ambicioso na sua teoria e nos seus pressupostos, este modelo possuía poucas condições práticas de concretização. Não havia em Portugal espaços adequados para a prática, o sistema escolar era muito deficiente e o número de técnicos preparados era muito exíguo. Nos clubes e associações, a obrigação das aulas de ginástica terá sido atendida muito irregularmente. Apesar da incapacidade de colocar esta estratégia em funcionamento ela não deixa de ser indicadora do modo como a incorreção dos movimentos presentes em desportos não controlados pelo Estado se relacionava não apenas com a morfologia desses desportos mas com os contextos em que eles se desenvolviam. A tentativa de impor aos clubes e associações aulas de ginásticas possuía um fundamento teórico e científico: os gestos disciplinados da ginástica deviam corrigir os maus hábitos dos corpos sujeitos aos desportos moldando de seguida a própria performance desportiva.

¹⁸ PEREIRA, Celestino Marques. A função da ginástica perante o desporto como meio de formação física na juventude. *Boletim do INEF*, n.ºs 1 e 2: 13-25. 15. 1947.

¹⁹ *Ibidem*, 16-17.

²⁰ *Ibidem*, 17.

²¹ Como referiu Celestino Marques Pereira: “Quanto à indeterminação do exercício desportivo é possível eliminá-la francamente, se no ensino dos jogos e desportos obrigarmos a juventude a técnicas de execução definidas e já estudadas previamente nos seus efeitos”. *Ibidem*. 19.

O futebol como educação corporal

De acordo com o pensamento político e educativo promovido pelo modelo de educação física do regime, o futebol, sem uma base científica que o sustentasse, era o alfobre de uma cidade perigosa e fora do controlo do Estado, expressão direta e não regulada de determinadas vivências sociais. Apesar desta desconfiança, o jogo expandiu-se rapidamente em Portugal, fomentado por redes de clubes e associações progressivamente federadas e espalhadas pelo território. O contexto era muito diferente do que caracterizara a prática inicial da modalidade, desenvolvida então por alguns clubes amadores onde se congregava uma elite nacional.

Longe deste terreno do amadorismo, que os ingleses transformaram em pedagogia oficial para as classes dirigentes, o futebol corrompia o corpo e não possuía, de acordo com os teóricos do Estado, qualquer efeito pedagógico positivo. Na verdade, porém, já antes do Estado procurar trazer a si a responsabilidade da educação corporal da população, o crescimento das competições de futebol foi acompanhado pela circulação de um pensamento específico sobre o jogo. Este pensamento não possuía uma inscrição estatal, não fazia parte de currículos escolares, de obras escritas por pedagogos ou médicos, não se ensinava formalmente em edifícios oficiais, não era matéria de exame científico ou de proposta doutrinal. Olhando hoje para algumas dessas obras é evidente, porém, que, apesar dos seus objetivos prioritários de divulgação, elas não apenas se fundavam em princípios de análise científica como continham ideias sobre a sociedade, muitas vezes expressas por intermédio da própria linguagem do jogo.

Desde cedo, de acordo com os objetivos e as regras definidos pelas instituições que cuidavam de zelar pela versão ortodoxa do jogo de futebol, a Fifa e o *International Board*, procurou-se encontrar os melhores métodos de conduzir uma equipa à vitória. As regras do jogo delimitavam a performance, garantindo-lhe uma moldura inicial. Mas depois tudo o que se passava dentro do campo dependia do encontro entre duas equipas, do comportamento individual dos jogadores e da eficácia da coreografia formada pelos corpos em movimento de todos os elementos de uma equipa. Quando o jogo se começou a popularizar, e as equipas a agregar massas de adeptos à sua volta, a pressão para os jogadores representarem convenientemente os seus apoiantes aumentou, efeito conhecido do processo de desportivização descrito por Elias e Dunning²². Esta pressão, que viria a redundar num processo de profissionalização que, em alguns contextos, demorou a oficializar-se - caso do contexto português, onde apenas ocorreu em 1960 – desencadeou uma dinâmica

²² ELIAS, Norbert. Introdução. In *A Busca da Excitação*. Lisboa: Difel, 1992. 39-99. DUNNING, Eric. A Dinâmica do desporto moderno: notas sobre a luta pelos resultados e o significado social do desporto. In Norbert Elias. *A Busca da Excitação*. Lisboa: Difel, 1992. 299-32.

de racionalização da educação do corpo do jogador. Numa primeira e fundamental dimensão, o praticante passou a cuidar mais regularmente do seu corpo. Esta vigilância não se aplicava apenas ao treino propriamente dito. Para representar bem a sua equipa, o jogador necessitava de cuidar do seu corpo em todas as circunstâncias, tendo atenção à alimentação e ao seu estilo de vida. Até hoje, embora atualmente de forma muito mais incisiva, as vidas e hábitos dos jogadores são vigiados e o seu comportamento denunciado quando não se coaduna com um tipo ideal de conduta exemplar. Progressivamente, os clubes procuraram gerir o corpo do jogador em todas as situações quotidianas. Em 1954, depois de o treinador Otto Glória ter chegado para treinar o Benfica, o regulamento da Secção de Futebol do clube proibia:

a frequência de lugares que pela sua natureza estabelecem um clima pernicioso – dancings, casa de jogo, etc. – cujos efeitos diminuindo consideravelmente a limpidez moral e física tão necessárias à actividade desportiva, criam no jogador uma concepção errónea de vida fácil e cómoda e adulterando a própria consciência do dever; tomar parte em jogos a dinheiro e cometer excessos de qualquer espécie; o uso abusivo de bebidas alcoólicas e de fumo, que militam em detrimento das condições mínimas exigíveis para o seu perfeito rendimento físico²³.

Mas a base da preparação dos praticantes era o treino; para suportarem o confronto com as equipas adversárias os jogadores precisavam de aguentar o ritmo do jogo. A triagem realizada pelos clubes atendia sobretudo à competência técnica dos jogadores, ao “seu jeito” para jogar. Mas os treinos serviam também para os jogadores conhecerem os colegas e, sob a batuta de um treinador, encontrarem formas de entendimento coletivo. Este entrosamento, que implicou uma divisão funcional do trabalho em campo, respeitava aquilo que se veio a chamar de dimensão tática. O desenvolvimento deste pensamento tático dependia em grande medida dos benefícios trazidos pelo processo de profissionalização do jogo, mas também da criação de um espaço público desportivo específico, sustentado nos meios de comunicação social.

Os periódicos desportivos eram indiscutivelmente os principais agentes da divulgação do pensamento acumulado sobre o futebol. Este trabalho não se realizava sem gerar inúmeras discussões, respostas à própria evolução da experiência do jogo. Neste debate privilegiavam-se os jogos que, pelo seu resultado ou qualidade da performance, se tornaram emblemáticos em relação ao modo como vieram a expressar ruturas das formas de jogar. Em Portugal ainda antes do final do século XX surgiram projetos jornalísticos, ainda precários, como *O Sport*, fundado em 1894, e o *Tiro Civil*, em 1895, que passaria a ser conhecido como *Tiro e Sport* em 1904. No mesmo

²³ *Guardian Desportivo* 8/9/54. 3

ano foi fundado o Sport Lisboa, que em 1908 daria lugar ao Sport Lisboa e Benfica, que com o Sporting Clube de Portugal (1906) e o Futebol Clube do Porto (1893) se tornaram os três maiores clubes portugueses, embora nessa altura, outras agremiações, como os Belenenses, apresentassem um nível exibicional semelhante. Nesta época organizar-se-iam os primeiros campeonatos regionais de futebol (Lisboa em 1906, Portalegre, em 1911, Porto, em 1913, Funchal, em 1916, Braga, Coimbra, Faro e Évora, todos em 1922). A maior regularidade das competições sustentou uma imprensa mais sólida. Nasceram então o *Sport de Lisboa* (1915-1934), *Os Sports* (1919-1945), a revista *Football*, (1920-1922) o *Sporting* 1921-1953), a Revista *Stadium* (1932-1951). A todas estas experiências foram beber os grandes projectos de jornalismo desportivo especializado do pós-guerra, *O Mundo Desportivo*, de 1945, e especialmente *A Bola*, também de 1945, e o *Record*, de 1949, estes dois títulos ainda hoje são os periódicos portugueses com maior tiragem²⁴.

Tendencialmente, os êxitos de algumas equipas foram atribuídos à influência dos treinadores sobre o movimento dos jogadores e das equipas. Este foi um processo pouco linear, cuja lógica se consegue captar de modo intermitente nas páginas dos jornais. Existiam poucas publicações de fôlego onde se procurasse sistematizar este pensamento e constituir doutrina. No entanto, a educação do corpo do futebolista, de forma mais ou menos intensa, foi sendo objeto dos princípios de um pensamento pericial em circulação. Isto contrariava a ideia promovida pelos teóricos que montaram o modelo de educação física nos anos trinta e quarenta de que faltava ao futebol um conjunto de princípios definidores da experiência do jogo e do movimento coletivo. Estes fundamentos do jogo do futebol moderno, não constituindo uma doutrina pedagógica e prescritiva, distinguiam-se daqueles que predeterminariam os esquemas ginásticos que deveriam formar os corpos dos jovens educados pelas instituições do regime. O poder do Estado em definir o que era certo ou errado na educação do corpo do desportista deixou uma herança pesada, ajudando a criar um senso comum sobre o futebol que o condenava a uma menoridade. Ao mesmo tempo, o jogo assumia-se como um consumo cultural hegemónico.

Um espaço público específico

Em Portugal, na vanguarda deste processo de promoção do pensamento futebolístico, evidenciaram-se indivíduos envolvidos com o jogo desde jovens, que foram jogadores e trei-

²⁴ PINHEIRO, Francisco, *História da Imprensa Periódica Desportiva Portuguesa (1875-2000)*, Porto: Afrontamento, 2011. DOMINGOS, Nuno, KUMAR, Rahul. A grande narrativa desportiva”. In NEVES, José e DOMINGOS, Nuno (orgs.) *Uma História do Desporto em Portugal*, vol 1. Lisboa: Quidnovi, 2011. 207-310.

nadores, mas que simultaneamente exerciam cargos no jornalismo desportivo, como redatores, diretores e muitas vezes fundadores de jornais. O caso português revela que este processo não se confinava aos limites de um espaço nacional. As redações dos jornais eram os eixos a partir dos quais circulava uma informação desportiva específica. Quase se poderiam comparar a centros de formação e circulação de uma doutrina singular, sistema de ensino alternativo por onde passavam informações e ideias sobre o desporto, não apenas sobre o futebol. Os conteúdos dos jornais desportivos exemplificam bem como as competições reforçaram identidades territoriais, informando sobre a realidade desportiva em pequenas e grandes cidades, em concelhos, distritos e regiões, mas sobretudo intensificando a mundividência nacional. Mas a discussão sobre os fundamentos do jogo era extraordinariamente internacionalizada. A vanguarda deste pensamento, concretizada quase sempre pela prática dos maiores clubes, muitos deles recorrendo a treinadores estrangeiros²⁵, provinha de centros internacionais a partir dos quais expandia por todo o mundo por intermédio da imprensa e, menos significativamente, pela circulação de manuais e livros de divulgação. As diferenças entre o estilo de jogo escocês, que depois foi fundamental para a evolução do futebol no centro e leste da Europa, e o estilo de jogo inglês, ocupavam páginas de jornal. Pela imprensa chegaram também às notícias da revolução de Herbert Chapman no Arsenal de Londres, ao responder taticamente à mudança da lei do fora de jogo registada em 1925. Alguns dos homens nos jornais portugueses conheciam a imprensa estrangeira especializada, bem como alguns livros dedicados ao treino. Quando em Portugal os jornais interpretavam o conhecimento mais avançado sobre o futebol interessavam-se por melhorar os desempenhos das equipas e dos jogadores, mas também por ensinar aos elementos do público os princípios fundadores do desporto que tanto estimavam. A acumulação de conhecimento e discussões criou uma pequena elite jornalística informada muito envolvida com o jogo. Ao contrário do que sucede nos nossos dias, nessa época o jornalismo desportivo não se encontrava especializado. Os jornalistas podiam também experimentar as táticas de que falavam nos jornais na condição de jogadores e treinadores, circunstância que lhes garantia uma proximidade única à prática.

Alguns dos pioneiros que estudaram em Portugal a educação do corpo do futebolista passaram pela Casa Pia de Lisboa, instituição estatal de acolhimento para órfãos. O currículo da Casa Pia incluía um sistema avançado de educação física²⁶. Em simultâneo, no tempo do

²⁵ Saiu recentemente uma biografia de um dos mais notáveis desses treinadores. CLAUSSEN, Detlev. *Béla Guttmann. Uma lenda do futebol do século XX*. São Paulo: Estação Liberdade, 2014.

²⁶ ROCHA, António Morais e BARRETO, Fernando. *Subsídios para a história da educação física na Casa Pia de Lisboa: 1780-1987*. Lisboa: Casa Pia, 1987.

recreio e nos terrenos à volta das instalações da instituição, na zona de Belém, estes jovens praticavam com avidez o futebol. Esta sua dedicação resultou na fundação de clubes e na participação nas atividades de associações desportivas já existentes²⁷. Vivia-se em Lisboa, como noutras cidades do país, um período de efervescência associativa, que iria reforçar-se depois da implantação da República em 1910.

Um destes pioneiros da Casa Pia, o capitão do exército António Ribeiro dos Reis, escreveu em 1920 uma das primeiras obras de divulgação do futebol em Portugal. Resumiu aí o programa informal de disseminação do conhecimento sobre o futebol. Os principais divulgadores do jogo tinham a noção que grande parte do público não possuía conhecimentos suficientes sobre este desporto, nomeadamente os indivíduos vindos dos grupos sociais menos privilegiados, como o mesmo autor notou noutro manual publicado em 1927.²⁸ A estas classes populares apaixonadas pelo jogo faltava conhecer as regras mas também o que Ribeiro dos Reis chamou a arte e a ciência do futebol²⁹. Mas este desconhecimento também se estendia aos jogadores. Para que o futebol revelasse todo o seu potencial, os atletas necessitavam de pensar o movimento do seu corpo tendo em conta a acumulação de conhecimento produzido sobre a modalidade. Uma das questões que o jogador teria de ter presente era a da sua função dentro do campo. O lugar do jogador relacionava-se desde logo com a capacidade técnica, com a forma como executava determinados gestos da melhor forma, mas também com características físicas e psicológicas. Em 1927 o modelo dominante nos campos de futebol era a chamada formação clássica. Ribeiro dos Reis analisou todas as posições, denominadas em língua inglesa (um *goal-keeper* dois *backs*, três *half-backs* e cinco *forwards*) e explicou brevemente quais as características que determinariam o comportamento de cada jogador em campo. Explicou ainda que a formação clássica resultara de uma evolução de modelos táticos anteriores. A proposta de uma distribuição mais racional dos jogadores pelo campo beneficiou a movimentação coletiva das equipas. Descreveu depois a lógica por detrás das escolas escocesa e inglesa. Estas escolas exigiam uma diferente aprendizagem aos jogadores para que estes pudessem realizar uma performance de acordo com aquilo exigido pelo modelo tático. Embora de forma ainda embrionária, estas dinâmicas de racionalização do corpo exigiam que os atletas exibissem um repertório motor adequado a uma função e aos objetivos da equipa. Neste contexto, a dinâmica do passe tornar-se-ia elementar na definição do jogo coletivo.

²⁷ Foi em Belém que jovens casapianos fundaram o Sport Lisboa e Benfica.

²⁸ REIS, Ribeiro dos. *Foot-Ball*. Lisboa: Livraria Popular de Francisco Franco, 1927. 6. O mesmo autor já tinha publicado uma obra de divulgação em 1920. REIS, Ribeiro dos *Football*, Lisboa: Livr. Popular de Francisco Franco. 1920.

²⁹ REIS, Ribeiro dos. *Foot-Ball*. Lisboa: Livraria Popular de Francisco Franco. 1927. 7.

Os diversos processos de racionalização do futebol, fossem de caráter geral tático, ou compreendessem ao desempenho individual, debatiam-se neste espaço público específico, dado que os treinadores que os promoviam circulavam por todos os lugares onde o futebol apresentava uma estrutura profissional, mesmo que encapotada. Tais modelos não exigiam do corpo uma disposição para o combate, para o cumprimento de uma função social, nem o entendiam como lugar de transmissão de uma determinada moral. Os corpos deviam preparar-se para responder a objetivo definido pelas leis do jogo e solicitado pelas comunidades de adeptos: a vitória. Este desígnio, o fator que indiscutivelmente foi mais importante na formatação do futebol moderno, não era o único princípio que presidia ao processo de racionalização do movimento dos corpos. Outros elementos performativos, situados a montante do cálculo económico que perseguia a vitória, caracterizavam também a relação entre jogadores e público. A morfologia das culturas adeptas, dos gostos dominantes nas bancadas de um estádio, afetava igualmente os corpos. Mas para estas audiências diversas, a vitória permanecia como o capital mais importante em disputa. Este capital desportivo, traduzido em vitórias e em outras narrativas de conquista, transformava-se, em inúmeras interações sociais, num capital social quotidiano.

A inteligência prática

Um ano antes da reforma da Educação Nacional de 1936, o treinador e jornalista Cândido de Oliveira publicou o livro *Football. Técnica e Tática*³⁰. Cândido de Oliveira encarna como ninguém o perfil do divulgador e estudioso do futebol em Portugal, a quem pode ser atribuídas as qualidades de um investigador sem centro de investigação formalizado. Criado também na Casa Pia, jogou futebol no clube da instituição e depois no Benfica³¹. Tornou-se um conhecido treinador e jornalista; participou e fundou inúmeros jornais, entre os quais *A Bola*; treinou a seleção nacional e a célebre formação do Sporting Club de Portugal, conhecida para a história como a equipa dos “cinco violinos”. A sua vida social e política não foi menos fascinante. Militante anti-fascista foi preso em 1942 e enviado para o campo de detenção do Tarrafal em Cabo Verde, numa altura em que exercia o cargo de selecionador nacional de futebol³². Quando foi

³⁰ OLIVEIRA, Cândido de. *Football, tecnica e tatica*, Lisboa: Edição de Autor, 1935.

³¹ Há uma biografia publicada sobre Cândido de Oliveira: SERPA, Homero. *Cândido de Oliveira: uma biografia*. Lisboa: Caminho. 2000. Sobre o treino Cândido de Oliveira escreveria ainda OLIVEIRA, Cândido de *WM. A evolução táctica no futebol*. Lisboa: edição de Autor. 1949. OLIVEIRA, Cândido de *Segredos do Futebol*. Lisboa: ed. A Bola, 1947.

³² Sobre a experiência do Tarrafal Cândido de Oliveira escreveu *Tarrafal. O Pântano da Morte*. Lisboa: editorial República, 1974

libertado, em 1944, voltou ao cargo de selecionador. Cândido de Oliveira iria morrer depois de ter relatado para *A Bola* alguns dos encontros da Copa de 1958 organizada pela Suécia. Nas suas últimas crônicas registou maravilhado a evolução tática da equipa brasileira, onde Garrincha e um jovem Pelé se destacaram no caminho para a conquista do título.

Estas últimas crônicas do autor representavam bem as preocupações de uma vida dedicada ao futebol, que não era separável da sua atividade cívica e política no contexto da ditadura. O futebol era um jogo onde se procurava a vitória e ao treinador cabia estudar para perceber a melhor forma de alcançar este objetivo ao propor aos jogadores um movimento coletivo que resultava da soma criativa e única do seu talento e inteligência individuais. Mas o futebol era também um ato comunicativo onde valores pedagógicos e morais estavam em causa, uma performance em que jogadores se interrelacionavam uns com os outros e com o público. Neste sentido, quando escrevia as suas crônicas nos jornais e publicava os seus livros de dedicação com o conhecimento de alguém que jogou e treinava, Cândido de Oliveira ambicionava explicar os fundamentos racionais do jogo, a sua beleza, mas também construir as bases de uma pedagogia específica, que estava longe de ser uniforme. A linguagem do corpo seria a base desta comunicação. Sob inúmeros aspetos as suas ideias contrariavam o modelo de práticas físicas do regime. Neste sentido, o jogo de futebol envolvia uma forma particular de educação do corpo e igualmente uma conceção sobre os seus atributos e potencialidades sobre a sua autonomia e a sua relação com um coletivo. Na sociedade portuguesa grande parte dos corpos que praticavam o jogo pertenciam a classes populares, as mesmas que as instituições estatais queriam regular e incluir na moral da nação mediante a aplicação do seu modelo de práticas físicas. O pensamento sobre o corpo desportivo era também um pensamento sobre o lugar das classes e dos indivíduos na sociedade, embora quase sempre os seus destinatários fossem os homens. A conceção de treino preconizada por Cândido de Oliveira implicava a defesa de uma pedagogia positiva, onde o prazer substituíra uma disciplina rígida e onde o jogador devia ser tratado como um igual no quadro da hierarquia que o separava do treinador³³. Nos contextos desta luta pela educação do corpo desportivo, ambos os modelos eram modernos e baseavam-se em preceitos de racionalização científica, embora um deles não fosse reconhecido pelo Estado. Tal situação acabava por legitimar múltiplas formas de normatividade, científicas, pedagógicas e morais que tornava o corpo do futebolista um desvio à “normalidade.”

A ideia de inteligência prática era um dos aspetos que melhor caracterizava, segundo Cândido de Oliveira, a arte e a ciência do futebol. Ao contrário do que se sucedia num exercício

³³ DOMINGOS, Nuno. O gesto no jogo. In NEVES, José, DOMINGOS, Nuno (orgs.). *A Época do Futebol*. Lisboa: Assírio e Alvim: 2004.

treinado e executado de acordo com esse adestramento anterior a performance no futebol exigia que o jogador ajustasse os seus conhecimentos a todo o momento. Para isso devia conhecer as leis, dominar a técnica mas também monitorizar competentemente o movimento do seu corpo no espaço, o que implicava dominar a lógica da tática. Este processo, complexo, ia contra as representações mais imediatas e normativas do comportamento do corpo no jogo de futebol. Se o modelo oficial de educação física reclamava do atleta rigor, dedicação e superação concedia-lhe menos autonomia individual. No futebol, a autonomia, longe de ser um valor absoluto, estava dependente da sua relação com a dinâmica coletiva da equipa.

O desenvolvimento do conhecimento de Cândido de Oliveira sobre os fundamentos do futebol moderno beneficiou do estágio para treinadores que efetuou em 1935 em Londres e na Escócia, sob a direcção da *Football Association*.³⁴ Nessa ocasião treinou com o Arsenal e observou alguns jogos do campeonato escocês. A equipa londrina vivia então a herança do sucesso da passagem do treinador Herbert Chapman, que falecera em 1934, o técnico que com maior sucesso conseguiu reajustar as posições e movimentos dos jogadores em campo após a alteração da regra do fora-de-jogo, tornando famoso o sistema tático conhecido por WM. Quando regressou a Lisboa, Cândido publicou um livro onde se propôs divulgar o que aprendera em Londres. *Football, Técnica e Tática* está repleto de análises dos diversos componentes do treino e do jogo, acompanhado de fotografias e gráficos onde se decompõem movimentos e posições. Esta representação do jogo contrastava com imagens de uma interação desportiva relativamente aleatória onde tudo se decidia pela atuação individual dos jogadores. Pelo contrário, a racionalização tática do jogo exigia uma cuidada interpretação coletiva e individual do tempo e do espaço. A maior parte dos jogadores aprendia a mover-se empiricamente num espaço delimitado, em interação com colegas e adversários. Mas o que o treino permitia, guiado por princípios de conhecimento científico, era o domínio desta experiência para a aperfeiçoar, ensinando os atletas a gerirem melhor o seu corpo. Os jogadores não tinham necessariamente de compreender a lógica coletiva na totalidade, embora o ideal era que a percebessem de modo intuitivo. Eles deviam sobretudo sentir, aprender pelo corpo, transformá-lo numa entidade inteligente, um administrador perspicaz do repertório motor disponível. Neste contexto os olhos eram elementos fundamentais na criação de uma “experiência prática do espaço”. O treino tático exigia o apuramento das capacidades dos jogadores lerem o jogo e decidirem da melhor forma.³⁵ A dificuldade em

³⁴ Cândido de Oliveira descreve o que se passou neste curso num relatório enviado em à Federação Portuguesa de Football Association. OLIVEIRA, Cândido de. *Relatório da minha viagem a Inglaterra “Ao serviço do Football Nacional”*. Lisboa: FPFA, 1935.

³⁵ O teórico alemão Friedrich Mahlo chamou-lhe «pensamento associativo» MAHLO, Frederick.. *O Acto Tático no Jogo*. Lisboa: Compendium. 1987. 111-122.

traduzir por palavras esta inteligência do corpo adquirida pelo treino, esta capacidade de gerir o movimento no tempo e no espaço, tornou esta arte invisível e o resultado do jogo atribuído ao acaso ou ao efeito de um talento individual.

Esta inteligência particular afastava-se do modelo de aprendizagem oferecido pela escola em Portugal, um país com altos níveis de analfabetismo. A alfabetização do corpo do jogador, insistia Cândido de Oliveira, não se assemelhava à alfabetização escolar:

em *football*, apenas se requer inteligência prática (...) Tenho conhecido muitos jogadores perfeitamente analfabetos e que, sem embargo disso, na apreciação do jogo, da sua técnica, se revelam verdadeiramente inteligentes e, até, com subtileza de espírito pouco vulgar em alguns letrados...³⁶

O aperfeiçoamento destas competências corporais exigia, porém, condições de treino e isso, como Cândido defendeu durante muito tempo, só se alcançava com a profissionalização. O treinador não iria ter a oportunidade de assistir ao reconhecimento estatal do profissionalismo do futebol em Portugal.

Lutas pela educação corporal

Tomando em consideração alguns factos da história do desporto em Portugal, esta breve exposição procurou enunciar como a evolução de um pensamento específico sobre o movimento do corpo do futebolista se desenvolveu fora das esferas de produção oficial do conhecimento legitimadas pelo Estado, circunstância que condenou o jogo a uma marginalidade científica. Este exemplo procura suscitar o desenvolvimento de uma arqueologia deste pensamento, identificando os seus processos de prática, circulação e discussão e nomeando os grupos e indivíduos que desempenharam em todo este processo um papel fundamental. Diversos inovadores, que expressaram o seu domínio sobre a arte e a ciência do jogo sem deixar registo, merecem ser sequestrados ao esquecimento histórico. Esta tarefa é tão mais difícil porque faltam imagens e sobretudo documentos escritos que permitiam recuperar essas dinâmicas de aprendizagem do corpo. Em Portugal, face a um modelo de educação física criado nos primeiros anos do Estado Novo, a cujas bases teóricas podemos aceder a partir de textos, tratados sobre educação física e das leis e doutrinas que fundavam a ação de um conjunto de instituições, o futebol cresceu numa ilegalidade epistemológica. Apesar deste estatuto de me-

³⁶ OLIVEIRA, Cândido de. *Football, tecnica e tatica*, Lisboa: Edição de Autor, 1935. 135.

noridade o jogo progrediu tentacularmente por todo o país, ajudando a interligar as diversas parcelas do território.

A recuperação do processo de criação de um pensamento informal sobre a educação do corpo do jogador de futebol implica assinalar as suas distintas dimensões. Desde logo, a sua relação inevitável com o processo de desportivização e com a pressão sentida para racionalizar os corpos dos jogadores e os movimentos das equipas para que estas cumprissem eficazmente o principal objetivo dos adeptos: conduzir o clube à vitória. Depois, o modo como esta dinâmica se concretizou através de uma progressiva institucionalização. Os clubes procuravam oferecer possibilidades aos jogadores para adestrarem os seus corpos sob a tutela de um treinador, num ambiente tendencialmente profissional. Por fim, o desenvolvimento de um pensamento sobre o corpo dependeu da criação de um espaço público específico, preenchido por trocas entre vários agentes, nomeadamente jornalistas, treinadores e outros interessados nestas matérias. Muitas vezes ocupando-se simultaneamente do treino e do debate nos jornais, foram estes indivíduos que promoveram, discutiram e experimentaram as novas ideias sobre a educação corporal do futebolista. Interessa acrescentar a este inventário um aspeto importante. Apesar da identificação da evolução deste pensamento sobre o corpo no contexto do futebol, desde logo a prioridade dada à conquista da vitória, ele está longe de ser linear. A sua evolução diacrónica, que implicou uma acumulação de conhecimento acelerada por momentos de rutura e inovação, deve ser investigada atendendo aos modos diversos como a tática e o treino foram pensados por diferentes pessoas em contextos distintos. Isto permite avaliar como este pensamento foi um espaço de lutas pela definição do corpo do futebolista. Menos linear do que no caso de um modelo de corpo como aquele defendido pelo modelo oficial de educação física do Estado Novo, a imaginação do corpo do futebolista opõe visões distintas sobre o indivíduo e a sociedade. E isso pode notar-se, por exemplo, no modo como os treinadores pensam o treino enquanto espaço de relações sociais.

Bibliografia

- ALMEIDA, A. Rebelo. *O Futebol tornado perigo social*. Lisboa: Tipografia de o Sport. 1928.
- CARVALHO, Luís Miguel. Explorando as transferências educacionais nas primeiras décadas do século XX. *Análise Social*, vol, xl (176). 499-518. 2005.
- CLAUSSEN, Detlev. *Béla Guttmann. Uma lenda do futebol do século XX*. São Paulo: Estação Liberdade, 2014.

- COSTA, Vítor. O desporto e a sociedade em Portugal entre finais do século XIX e inícios do século XX. In NEVES, José e DOMINGOS, Nuno (orgs.) *Uma História do Desporto em Portugal*, vol 1. Lisboa: Quidnovi, 2011. 73-120.
- CRESPO, Jorge. História da Educação Física em Portugal. Os antecedentes da criação do INEF. *Ludens*, vol.2, n.º1, 45-52. 1977.
- DOMINGOS, Nuno. O gesto no jogo. In NEVES, José, DOMINGOS, Nuno (orgs.). *A Época do Futebol*. Lisboa: Assírio e Alvim: 2004.
- DOMINGOS, Nuno. Building a motor habitus: Physical education in the Portuguese Estado Novo. *International Review for the Sociology of Sport*, vol. 45, n.º 1, pp. 23-37. 2008.
- DOMINGOS, Nuno. Building a motor habitus: Physical education in the Portuguese Estado Novo, *International Review for the Sociology of Sport*, vol. 45, n.º 1, pp. 23-37. 2008.
- DOMINGOS, Nuno, KUMAR, Rahul. A grande narrativa desportiva”. In NEVES, José e DOMINGOS, Nuno (orgs.) *Uma História do Desporto em Portugal*, vol 1. Lisboa: Quidnovi, 2011. 207-310.
- DOMINGOS, Nuno “Homens ao minuto: o boxe em Lisboa nos quarenta e cinquenta”. In Domingos, N., Neves, J. (orgs.) *Uma História do Desporto em Portugal*, vol. 3 *Classe, Associativismo e Estado*. Porto: Quidnovi, pp. 167-216. 2011
- DOMINGOS, Nuno. *Futebol e Colonialismo. Corpo e Cultura Popular em Moçambique*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais. 2012
- ELIAS, Norbert. Introdução. In *A Busca da Excitação*. Lisboa: Difel, 1992. 39-99. DUNNING, Eric. A Dinâmica do desporto moderno: notas sobre a luta pelos resultados e o significado social do desporto. In Norbert Elias. *A Busca da Excitação*. Lisboa: Difel, 1992. 299-32.
- GOMES, Rui. Poder e saber sobre o corpo — a educação física no Estado Novo (1936-1945). *Boletim da Sociedade Portuguesa de Educação Física*, 2-3. 109-136. 1991;
- GUTTMANN, Allen.. *Games and empires: modern sports and cultural imperialism*. New York: Columbia University Press. 1994.
- HARGREAVES, John. *Sport, Power and Culture*. Cambrigde: Polity Press. 1986.
- LEAL DE OLIVEIRA, António. Bases para a Organização da Educação Física Escolar. In *I Congresso da União Nacional, Discursos, Teses e Comunicações*, vol. VII. Lisboa: União Nacional. 1935.

LEAL DE OLIVEIRA, António. Bases para a Organização da Educação Física Escolar. In *I Congresso da União Nacional, Discursos, Teses e Comunicações, vol. VII*. Lisboa: União Nacional. 1935.

LEAL DE OLIVEIRA, António. «Generalidades sobre as atitudes e movimento do corpo humano em educação física». *Boletim do INEF*, n.º3: 273- 289. 286. 1941.

MAHLO, Frederick.. *O Acto Tático no Jogo*. Lisboa: Compendium. 1987.

MANGAN, J. A. (org.) *The Cultural Bond: Sport, Empire, Society*. London: Frank Cass, 1992.

NÓVOA, António. A Educação Nacional. In SERRÃO, Joel e OLIVEIRA MARQUES, A. H. De (orgs.). *Nova História de Portugal, Portugal e o Estado Novo*, vol. XII (1930-1960)», ROSAS, Fernando (org).. Lisboa; Presença, 1992, 455-519.

OLIVEIRA, Cândido de. *Football, tecnica e tatica*, Lisboa: Edição de Autor, 1935.

OLIVEIRA, Cândido de *WM. A evolução tática no futebol*. Lisboa: edição de Autor. 1949.

OLIVEIRA, Cândido de *Segredos do Futebol*. Lisboa: ed. A Bola, 1947.

OLIVEIRA, Cândido de *WM. Tarrafal. O Pântano da Morte*. Lisboa: editorial República, 1974

OLIVEIRA, Cândido de. *Relatório da minha viagem a Inglaterra “Ao serviço do Football Nacional”*. Lisboa: FPFA,1935.

PEREIRA, Celestino Marques. A função da ginástica perante o desporto como meio de formação física na juventude. *Boletim do INEF*, n.ºs 1 e 2: 13-25. 15. 1947.

PFISTER, Gertrud. 'Cultural Confrontations': German Turnen, Swedish Gymnastics and English Sport, European Diversity in Physical Activities from a Historical Perspective. *Culture, Sport and Society*, vol. 6, nº 1. 61-9. (spring 2003).

PINHEIRO, Francisco, *História da Imprensa Periódica Desportiva Portuguesa (1875-2000)*, Porto: Afrontamento, 2011.

RAMOS DO Ó, Jorge.. *O governo de si mesmo : modernidade pedagógica e encenações disciplinares do aluno liceal : último quartel do século XIX - meados do século XX*. Lisboa: Educa. 2003.

REIS, Ribeiro dos. *Foot-Ball*. Lisboa: Livraria Popular de Francisco Franco, 1927.

REIS, Ribeiro dos *Football*, Lisboa: Livr. Popular de Francisco Franco. 1920.

ROCHA, António Morais e BARRETO, Fernando. *Subsídios para a história da educação física na Casa Pia de Lisboa: 1780-1987*. Lisboa: Casa Pia, 1987.

ROCHA, Manuel da. *A Educação Física na moral cristã*. *Boletim do Inef*, 2, 125-142. 1941.

SERPA, Homero. *Cândido de Oliveira: uma biografia*. Lisboa: Caminho. 2000.

TOLLENEER, Jan. The Belgian catholic gymnastic movement in its international context 1908-1940». In ARNAUD, Pierre e RIORDIAN, Jim (ors.)g. *Sport and International Politics. The impact of fascism and communism on sport*. London: E & FN Spon, 171-183. 1998.

TRINDADE, Luís. A imagem do Sportsman e o espetáculo desportivo. In NEVES, José e DOMINGOS, Nuno (orgs.) *Uma História do Desporto em Portugal*, vol 1. Lisboa: Quidnovi, 2011. 121-146.

WEBER, Eugen. Gymnastics and Sports in Fin-de-Siècle France: Opium of the Classes?. *The American Historical Review*, Vol. 76, No. 1. 70-98. (Feb., 1971).

Submissão: 14/10/2014.

Aprovação: 18/11/2014.